

AS POSSIBILIDADES DE UM NOME

Joana Bértholo

Bem-vindos e bem-vindas ao Cano!

Também conhecido por Lugar de Cano. Vila do Cano; ou de Cano...

Porventura canno, cana... Cã? Nu!

Perde-se no tempo e na história dos sons a razão de certas palavras, apesar do talento de filólogos e etimólogos para nos deleitar com tão linda arqueologia de sentidos. Pode ser que não exista desígnio maior detrás de certos topónimos, e que uma pessoa se chame João apenas porque milhares de pessoas, desde que os nomes são nomes, se chamaram João (e variantes). Deve ter existido, algures, um lugarejo sem nome; nem sequer um som, assobio ou estalar de dedos, nada. E depois era muito difícil lá chegar.

Leite Vasconcelos, Pinho Leal, João Falcato, foram alguns dos estudiosos que apresentaram teorias — até certezas! — acerca de «Cano» e, mais recentemente, contribuindo para uma primeira monografia da Vila, João Richau. É nesta publicação que se descobre que Sousel e Cano conquistam, na região, o pódio de topónimos mais enigmáticos. Sobretudo Cano, por ser a localidade mais antiga.

Sabemos que serviu de poiso a Célticos e Turdetanos. Poderíamos imaginar que, em alguma língua Celta, «kannoh» fosse o nome dado a uma técnica ancestral de produção de palhinhas de uma fibra doce que, em contacto com o álcool, provocava no paladar um efeito requintadíssimo.

Vinham de todo o lado para provar o néctar!

Também sabemos que estes povos conviveram com Lusitanos, vizinhos a norte; sabemos até que os entendiam. «Cahannus» podia ser o termo lusitano para a mais bela flor da Península Ibérica, famosa pelo seu carmim vibrante, que cobria tudo de Abril a Agosto. Hoje, ignoramos que sobrevivem escondidas, anónimas, e por encontrar, as últimas da espécie, quem sabe se pelas serras de Sousel ou no quintal de algum canense. São preciosas!

Chegam depois os Romanos, com a sua mania de dominar até as nomenclaturas. No latim que traziam, «Canus» era o masculino de «cana», hoje presente na palavra «cãs», significando «branco, prateado, de cabelos brancos.» Afigura-se um ancião ou anciã, sábia e influente, importante para a fundação da Vila. Isso, ou um Inverno rigoroso em que nevou e ficou tudo coberto de branco.

Mas como o latim nunca simplifica a equação, os romanos também trouxeram os termos «canus», relativo ao canto; «canna», relativo ao junco mas também a uma flauta pastoril; e «canum», relativo a cães. Não nos espantemos se vierem a ser encontrados vestígios arqueológicos do maior canódromo da Península Ibérica. Consta que vinha gente de longe ver os famosos Galgos do Cano debater-se em competição. Era um jogo de apostas: fartas fortunas se ergueram e precipitaram na Vila ancestral de Cano.

Não esquecer os Visigodos e o seu idioma gótico. Estes nomearam o sítio segundo a vasta população de morcegos que habitavam as grutas locais. Há sob Cano um mundo subterrâneo, com galerias, corredores e recintos; fluxos de água e cascatas; e nessas condições particulares sobrevivem animais especialmente adaptados — alguns de idade pré-histórica. A palavra visigótica para «morcego» não chegou até nós, mas há quem garanta que «terra de morcegos» soaria precisamente a «Cá-Nô».

Invadem os árabes! Neste caso, felizmente, há documentação.

O termo «qanāt» significa «galeria de irrigação subterrânea» — um topónimo justificável pela abundância lendária de água na região. Todos os povos mencionados só se fixaram graças às actividades de subsistência que a abundância hídrica permite. É preciosa!

De seguida, consideremos o que se perde de uma palavra quando com ela se atravessa os séculos. Ou seja, e se a actual palavra fosse parte de outra maior, como «de-Cano», «Câno-ne» ou «tu-Cano»? Se não fosse tão antiga poderíamos considerar «Cano-agem» ou mesmo «ba-Cano».

Histórias de papas, bispos e crimes religiosos podiam constar da história

fundacional se o termo fosse «Cano-nizado», «angli-Cano», «francis-Cano», «vati-Cano».... Ou a que viagens e aventuras remeteria o termo originário «moi-Cano», «afri-Cano», «mexi-Cano», «ameri-Cano», «jamai-Cano», «moçambi-Cano»...? É imaginar!

Nenhuma hipótese é mais inverosímil — e, por isso, estimulante — que a de ter origem na terminologia científica «Glicosaminogli-Cano.»

Os glicosaminoglicanos são componentes dos tecidos do corpo que podem chegar a representar 30% do seu material orgânico; são encontrados nas nossas cartilagens, ossos e córnea; derme e tendões; fígado, pulmões e aorta. É uma hipótese defensável, dado que a sua principal função é a retenção da água nos tecidos, para que se mantenham húmidos — ligação óbvia à situação aquífera privilegiada da região de Cano.

Esta explicação reúne imensas qualidades, mas não nos demos por satisfeitos: falta explorar a proximidade à fronteira espanhola. Atravesse-a e peça: «Una caña, por favor.» Servir-lhe-ão uma cerveja. O fabrico artesanal de cerveja é milenar na região. É certo que o produtor mais famoso é de Casa Branca; mas a proximidade entre vilas permite-nos conjecturar acerca da remotíssima cerveja de Cano.

E a existência outrora de um vulcão, hoje adormecido, a que os espanhóis chamariam «vul-Cano»? — não constitui boa teoria? Enfim. Fará alguma diferença para os canenses de hoje que o nome da sua Vila homenageie uma anciã de cabelos brancos, fontes de água, ou um tempo longínquo sob domínio de uma feroz matilha de cães? Fosse uma flauta, fosse um canto, fosse mesmo um cano, ou uma cerveja espanhola — que diferença fará?

Pois que muita! Porque uma Joana não é uma Ermelinda e uma Lúcia não é uma Teresinha. E, se desistirmos de explicações definitivas, podemos descobrir que se abre todo um universo de possibilidades! Citando João Richau: «A terminar, gostaria de realçar que uma explicação perentória e definitiva sobre a origem e o significado de alguns topónimos poderá nunca ser dada.» E ainda bem.

